



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega da conclusão das obras dos prédios da unidade de ensino descentralizado do Cefet – ES**

**Cachoeiro de Itapemirim – ES, 19 de fevereiro de 2008**

Meu querido companheiro Paulo Hartung, governador do estado do Espírito Santo,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meus queridos companheiros senadores Magno Malta e Renato Casagrande,

Eu quero que vocês olhem um pouquinho o tempo ali, porque quando nós descemos do avião, o brigadeiro Joseli nos disse: por favor, cheguem de volta antes das 6h porque vai ter um temporal. Eu que já passei um medo, domingo, na Antártica, não quero repetir esse medo agora. Quando tinha 19 anos, não tinha medo, com 62, eu estou ficando preocupado.

Vou ser muito rápido, porque acho que o tempo está pedindo para a gente ir embora, governador. Mas eu queria falar umas poucas palavras aqui para a juventude que está estudando no Cefet. E, sobretudo, para aqueles que também estão sonhando em fazer universidade. Grande parte das coisas que o Brasil tem, a nossa floresta Amazônica, os nossos rios, essas belezas extraordinárias das praias que nós temos no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, no Nordeste, tudo isso foi obra de Deus. E nós, seres humanos, precisamos construir as nossas obras.

Durante muito tempo, a economia brasileira cresceu razoavelmente. Até a década de 70, a gente chegou a crescer a 14% ao ano. Entretanto, esse crescimento não possibilitou nem a melhora da renda do povo trabalhador, nem a melhora do nível educacional da nossa população. Entramos na década de



80 e o que aconteceu? A economia brasileira ficou estagnada porque nós tínhamos pegado muito dinheiro emprestado, os juros aumentaram e o FMI passou a controlar a economia brasileira, ditando o que a gente tinha que fazer, ditando o que a gente tinha que investir ou não tinha que investir. Então, o Brasil, que na década de 70, recebeu muitos dólares baratos, na década de 80, teve que pagar os juros desses dólares muito caro e ficou 26 anos sem a economia crescer e, portanto, sem ter distribuição de renda, sem ter geração de empregos e sem ter a formação da nossa juventude. O que aconteceu? Milhares de brasileiros foram embora trabalhar no exterior porque não tinham oportunidade no Brasil. Não se investiu em escola profissional e nem se investiu em universidades, porque se achava que tínhamos chegado ao limite das nossas necessidades. O que aconteceu agora? A economia começou a crescer. Somente no ano passado, nós criamos neste País um milhão e 700 mil empregos de carteira profissional assinada, coisa que há muito tempo não existia no Brasil.

Paulo Hartung, durante mais de 20 anos este País não via uma placa na porta de uma fábrica dizendo: precisa-se de pedreiro, de encanador, de desenhista, de pintor. Não existia. A construção civil brasileira, em 20 anos, perdeu mais de um milhão e meio de trabalhadores, porque não crescia. Pois bem, nós tomamos a decisão de fazer este País voltar a crescer, a economia voltou a crescer. Quando a economia volta a crescer, o que acontece? A gente percebe que a gente não tinha mão-de-obra qualificada para atender à demanda das empresas.

Vejam, eu comecei dizendo que muitas coisas que nós temos de bom foi Deus quem fez. E aquilo que os governantes tinham que fazer, que era investir na educação para formar o nosso povo, não investiram. Possivelmente, porque os governantes que passaram por este País já tinham conquistado o seu diploma universitário e achavam, já que eles tinham diploma, para que o povo ter diploma? Para que o povo ter acesso?



Pois bem, eu, Paulo Hartung, fiz um curso do Senai. Foi graças a este curso do Senai que eu deixei de ser operário de salário mínimo. Foi graças a este curso do Senai que eu tive o meu primeiro carro, a minha primeira geladeira, a minha primeira televisão, a minha primeira casa. Graças a este curso, depois entrei no Sindicato, virei um dirigente sindical razoável e graças a este curso e por ter entrado no Sindicato, eu estou aqui como Presidente da República para quebrar as teorias de que o povo não está preparado para assumir o poder neste País.

Mas eu não me conformava de ver tanta juventude metida na criminalidade. Se vocês virem a televisão, vão perceber que quase todos os bandidos que eles mostram são jovens, jovens de 24 anos, de 23 anos, de 20 anos, até porque um velho de 60 não consegue mais roubar nada porque será pego, pois não pode nem correr. Então, tem que ser a juventude mesmo. Agora, por que a juventude faz isso? Porque uma juventude sem esperança é uma juventude sem rumo. E uma juventude sem rumo é uma juventude vulnerável às coisas fáceis que o narcotráfico oferece, que o crime organizado oferece.

Falei para o meu companheiro Fernando Haddad quando ele assumiu o Ministério da Educação: Fernando, nós temos que cuidar desta meninada. Na hora em que a gente der uma profissão para esta meninada, que eles perceberem que terão acesso ao mercado de trabalho, que poderão arrumar emprego ganhando um salário bom, que podem contribuir para ajudar a família... Essa meninada vai dar uma banana para qualquer outra coisa que permita ver a facilidade de ganhar dinheiro porque muitas vezes uma pessoa entra na droga porque a droga faz esquecer os problemas que ela tem. Uns entram na droga, outros entram na cachaça. Quem pode, procura um analista. Aí, gasta um monte de dinheiro se cuidando com analista. Quem não pode, tenta resolver com imediatismo.

Nós tomamos uma decisão: o que vai salvar este País é a gente



acreditar no investimento que vamos fazer na educação. Vejam que eu falei a palavra “investimento”. Porque tem gente que acha que colocar dinheiro na educação é gasto. Gasto é o que a gente coloca em cadeia. Na educação, é investimento. É investimento porque o retorno se dá imediatamente.

O ministro propôs que a gente aprovasse o Fundeb. Graças a Deus, o Senado e a Câmara aprovaram o Fundeb, que é o fundo da educação básica. Depois propôs a gente mandar o Proeb [PDE], o programa de educação básica [Plano de Desenvolvimento da Educação]. Nós mandamos o Proeb [PDE] para o Congresso... Não, o PDE passou no Congresso Nacional e eu falei: Fernando, nós precisamos dar oportunidade a essa menina. Eu queria explicar o porquê. Fui agora no centro de formação ali. E eu vi meninos trabalhando em torno, trabalhando em fresa. Quando aquele menino tirar o diploma daqui, em qualquer lugar em que ele chegar, vai ter uma oportunidade de emprego. Se ele não tiver uma profissão, ele vai chegar na fábrica, vai perguntar se tem vaga e vão falar para ele: não tem. Se ele tiver uma profissão, mesmo se não tiver vaga, vão pegar a ficha dele e no dia em que surgir uma vaga vão chamá-lo porque empregado qualificado tem oportunidade neste País.

Mas o que me incomoda mais são as meninas. E por que as meninas? Porque houve um tempo neste País em que o machismo tomava conta. Uma mulher casava, deixava de trabalhar e ficava dependente do marido. Se o marido fosse bom, ótimo, mas se o marido não fosse bom e batesse nela, judiasse dela, batesse nos filhos, ela não podia largar porque dependia do marido para comer o pão de cada dia. Mas se ela aprender uma profissão, trabalhar e ganhar o seu salário, o que vai acontecer? Ela vai ficar com o marido, se ela gostar do marido, mas se ela não gostar, ela vai dizer: você não fala grosso aqui em casa, porque aqui em casa eu ponho o feijão à mesa, aqui em casa eu ponho o pão à mesa também. É isso que vai dar liberdade e vai melhorar o relacionamento entre homem e mulher, porque a dependência não



presta para ninguém. Não presta, nem se a mulher for dependente do homem e nem se o homem for dependente da mulher. O que é importante é que os dois trabalhem, ganhem os seus salários, sejam livres. Não tem nada mais triste do que uma mulher ter que chegar, ao final do mês: “Amorzinho, me dá 10 reais para comprar isso, me dá dois para comprar aquilo”, como se ela estivesse pedindo um favor. Quando, na verdade, o bom marido – se a mulher também não gastar demais – entrega o pagamento na mão da mulher e a coisa fica resolvida.

Eu digo sempre o seguinte: desde 1975, o meu pagamento é no nome da Marisa. Ela é quem recebe, ela é quem tem cheque, ela é quem cuida do dinheiro. Não me arrependo disso. Obviamente que, cada marido sabe a mulher que tem e cada um vai cuidar... Mas o que eu estou querendo dizer é que nós queremos a independência das pessoas, as pessoas têm que viver em harmonia e não viver naquela sofredão, com medo de dependência financeira. E, sobretudo a meninada. Eu quero dizer uma coisa para vocês. Eu sou filho de uma mulher que tinha oito filhos. Eu fui o primeiro a ter o diploma primário, o primeiro a ter o diploma técnico. Agora, eu nunca gritei com a minha mãe e nunca respondi a minha mãe, porque eu reconhecia que ela tinha me carregado na barriga durante nove meses e eu tinha que respeitá-la com muito carinho. O que eu queria pedir para vocês é para a juventude aproveitar essa oportunidade, essa oportunidade de estudar, cuidar do pai, cuidar da mãe, tentar ajudar a viver em harmonia dentro da família, porque uma nação só será forte se a sua sociedade viver de forma harmoniosa, as pessoas se gostarem, as pessoas se respeitarem. E nós também temos consciência que tudo isso passa pela formação de vocês. Não adianta o Brasil ser o quinto maior país do mundo, ter a maior floresta do mundo, ser o maior exportador de carne, o maior exportador de suco de laranja, o terceiro exportador de avião. Não. O Brasil, agora, quer exportar inteligência, o Brasil quer exportar conhecimento. É por isso que nós estamos fazendo – eu vou repetir o número que falou o diretor do



Cefet e o ministro da Educação – de 1910 a 2003, foram construídos no Brasil, em 93 anos, 140 escolas técnicas. Em 93 anos, foram construídas 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas neste País.

Peguem, estudem quem é que fez universidade neste País. Se cada presidente da República que passou por este País tivesse feito duas ou três, nós teríamos 50, teríamos 100 universidades. Acontece que teve períodos em não foram feitas universidades neste País. Nós, estamos fazendo 10 universidades novas e estamos fazendo 48 extensões universitárias por todo o território nacional. Na verdade, o ministro da Educação disse que são 61 extensões universitárias. O que nós queremos? Nós queremos que a nossa juventude tenha a oportunidade de estudar e que não seja frustrada. Eu não sei se aqui tem aluno do ProUni. Mas o ProUni é uma revolução. O ProUni já colocou 400 mil jovens da periferia na universidade. O Reuni, vai colocar mais 400 mil jovens na universidade. E eu espero que, quando terminar o nosso mandato, dia 31 de dezembro de 2010, a gente tenha o Brasil equiparado aos melhores países do mundo em investimento na educação. E isso, nós estamos fazendo, porque se a gente não fizer e a indústria continuar crescendo do jeito que está crescendo, a economia crescendo, o que vai acontecer? Nós vamos ter vagas e não vamos ter gente capacitada para trabalhar. Aí, nós vamos começar a ter que importar trabalhador. E nós não queremos importar trabalhador. O que nós queremos é exportar o conhecimento que a gente vai aprender.

Por isso, Paulo Hartung, eu certamente estarei aqui em abril. Eu espero que, em abril, a gente tenha outra escola técnica para a gente inaugurar aqui neste Estado. E faço isso, quero que a juventude compreenda, faço isso porque tenho na minha memória, ainda hoje, o sacrifício que a minha mãe fez, em 1961, eu tinha 15 anos de idade, para eu entrar no Senai. Eu andava a pé quase oito quilômetros. E foi graça a este esforço que eu fiz, que eu cheguei onde eu cheguei. Por isso eu queria pedir para a juventude: façam o esforço



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

agora enquanto vocês são jovens, enquanto vocês têm energia, enquanto vocês têm facilidade de aprender. Porque se vocês não fizerem o esforço agora, quando tiverem com 30 ou 40 anos, sem profissão, a gente certamente vai amargar não ter estudado quando a gente podia estudar.

O que nós estamos fazendo é quase que um pedido de desculpa aos milhões de brasileiros que durante anos não tiveram oportunidade de estudar. E eu, que não tenho o diploma universitário, quero passar para a história como o presidente que não tinha o diploma universitário, mas que cuidou da educação mais do que muitos que tiveram diploma universitário.

Muito obrigado e que Deus nos abençoe.

(\$211A)